



PROJETO PSICOAFETIVIDADE COM CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

STORCHIO, Aline Vitoria¹
KAPPEL, Agatha Laryssa²
PREUSSLER, Giceli Aparecida Machado³
DA SILVA, Lais Fernanda⁴
LOPES, Silvana Batista Moreira⁵

RESUMO

O desenvolvimento infantil, particularmente a psicoafetividade, é crucial para o crescimento integral das crianças, influenciando sua personalidade, emoções e interações sociais. Este artigo emerge das experiências de estágio na Clínica de Psicologia da Fundação Assis Gurgacz, em que foram atendidas crianças entre agosto e novembro de 2023. O objetivo é destacar o desenvolvimento dos acolhimentos infantis e enfatizar dinâmicas e atividades que geraram avanços positivos. A fundamentação teórica ressalta a importância das interações sociais desde a primeira infância, moldando a personalidade e a adaptação ao meio social. Autores como Wallon destacam a influência do ambiente na afetividade e no desenvolvimento cognitivo. O texto também explora a metodologia dos grupos operativos, reconhecendo seu potencial transformador nas relações interpessoais. Durante os atendimentos, foram utilizadas atividades lúdicas e terapêuticas para explorar e compreender emoções e sentimentos das crianças. Observou-se melhorias significativas no bem-estar e na participação das crianças ao longo dos encontros, indicando o impacto positivo das práticas realizadas. Em suma, o relato de experiência evidencia a importância da psicoafetividade no desenvolvimento infantil e destaca a eficácia de abordagens terapêuticas para promover o bem-estar emocional das crianças atendidas.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Infantil, Grupos operativos, Afetividade, Atendimento Psicológico, Ludicidade.

1. INTRODUÇÃO

A psicoafetividade no desenvolvimento infantil se refere à interação entre os aspectos psicológicos e afetivos da criança, influenciando seu crescimento, aprendizado e comportamento emocional. Esse termo abrange uma variedade de aspectos, incluindo o desenvolvimento da personalidade, das emoções, das relações interpessoais e da regulação emocional.

As relações entre o indivíduo e o meio ao qual está inserido podem adotar diversos aspectos que gradativamente moldam a personalidade individual e permite que o sujeito se desenvolva em seu

¹Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: avstorchio@minha.fag.edu.br

²Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: alkappel@minha.fag.edu.br

³Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: gampreussler@minha.fag.edu.br

⁴Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. E-mail: lfsilva15@minha.fag.edu.br

⁵Professora orientadora. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz- FAG. E-mail: profsil07@fag.edu.br



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

14-15-16
MAIO - 2024



âmbito cognitivo. A partir destas interações, é possível que o indivíduo seja capaz de adaptar-se ao seu contexto social e criar mecanismos que proporcionem uma melhor interação, buscando assim um estado de bem-estar.

Partindo de uma representação mais simples das emoções, como o choro de um bebê com fome, é possível estabelecer uma relação de afetividade que se constitui desde a primeira infância com a família, de modo com que a partir desta interação social o indivíduo seja capaz de identificar-se com os grupos por meio de interesses e aspirações em comum e, como resultado, seja capaz de moldar sua própria personalidade, estabelecendo-se como sujeito dentro de um espaço de coletividade. Como resultado desta interação também tem-se o desenvolvimento cognitivo, de forma com que a história tenha um significado importante na relação de interação.

Considerando o contexto mencionado, o presente artigo emerge das experiências adquiridas durante o estágio curricular obrigatório do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Faculdade Assis Gurgacz - FAG, na especialidade de Psicologia Clínica, realizado no período compreendido entre os meses de agosto a novembro de 2023, durante o qual foram atendidas diversas crianças na clínica de Psicologia da FAG. O objetivo central deste relato de experiência é destacar o desenvolvimento dos acolhimentos infantis e enfatizar algumas das dinâmicas e atividades implementadas, as quais resultaram em avanços positivos. Consequentemente, o primeiro encontro deste documento aborda a fundamentação teórica que embasou integralmente as práticas acadêmicas. Na segunda seção, são expostas algumas das vivências particulares das alunas ao longo do estágio, acompanhadas por reflexões críticas pertinentes. Por fim, são delineadas as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O meio social é uma condição essencial para o desenvolvimento do indivíduo. A partir dele, a civilização foi capaz de se desenvolver, visto que foi através da coesão dos grupos que a humanidade moldou seus valores, definiu seus papéis e deu forma à própria estrutura social (ALMEIDA, 2008).

Ao nascer, a criança é primariamente um ser biológico, cujas primeiras interações e trocas ocorrem com a mãe, que assume o papel inicial de agente primordial em sua socialização. Após esse período, a criança gradualmente estabelece relações com os outros membros da família, formando assim seu primeiro contexto social. É a partir desse convívio que se inicia o processo de socialização



da criança. A socialização se manifesta em duas formas distintas: primária, que se desenvolve no seio familiar, onde os aspectos internalizados resultam da integração da criança em uma determinada classe social, influenciada pela percepção dos pais sobre o mundo e pela natureza institucional da família; e secundária, que surge da complexidade das relações sociais, levando o indivíduo a assimilar as representações sociais de modo a se adaptar ao meio circundante. Qualquer análise do indivíduo precisa, necessariamente, considerar o grupo ao qual ele pertence (BRASIL, 2016).

Neste sentido, Wallon pauta a afetividade como um instrumento para além da socialização, mas como um instrumento de sobrevivência, ele enfatizava a importância do ambiente social e cultural no qual a criança está inserida para o desenvolvimento da afetividade. Ele reconhecia que as experiências emocionais da criança são moldadas pelo contexto cultural e pelas relações sociais em que ela está envolvida. Retomando a perspectiva da interação de uma mãe e seu bebê, as emoções que permeiam as necessidades da criança são transmitidas de forma com que a expressão delas, por meio do choro, crie um vínculo interativo entre os dois e também influencie diretamente nas emoções da mãe (TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 2019).

A afetividade, assim, está condicionada ao estado de bem-estar ou mal-estar do indivíduo. Então, pode-se dizer que as emoções são posteriores à afetividade, de modo com que a fome e a saciedade da criança encontram-se no estado mais primitivo (ALMEIDA, 2008). Diante disso, Almeida explica sobre emoções:

Enquanto as primitivas manifestações de tonalidade afetiva são reações generalizadas, mal diferenciadas, as emoções, por sua vez, constituem-se em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo. Já o sentimento e a paixão são manifestações afetivas em que a representação torna-se reguladora ou estimuladora da atividade psíquica. Ambos são estados subjetivos mais duradouros e têm sua origem nas relações com o outro, mas ambos não se confundem entre si (ALMEIDA, 2008).

Ainda, Wallon concorda com as perspectivas propostas por Freud de que o bebê, por conta da sua limitação somato-psíquica, reproduzia suas emoções e sua afetividade por meio sincrético conforme suas experiências com o ambiente, sejam elas boas ou ruins. Assim sendo, Wallon considera as emoções a partir de uma perspectiva dialética, já que elas são consideradas sociais e biológicas. Assim sendo, o orgânico é visto como a formação do próprio ser individual e por consequência das interações com o meio social, gradativamente, é possível moldar as manifestações



das emoções para que elas adotem um caráter de manifestação considerado mais social (FERREIRA & ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

Isto posto, a afetividade é compreendida, portanto, como uma das fases de desenvolvimento, considerada a mais primária. Derivando-se desta afirmação, o ser passa a diferenciar a afetividade da razão, constituindo uma relação entre a afetividade e a inteligência, de forma que há uma prevalência da afetividade. Desta forma, Almeida (2008) propõe que apesar da correlação entre a afetividade e a inteligência, há também oposição a medida em que a atividade intelectual acontece:

[...] existe entre a emoção e a inteligência uma relação antagonica; sua relação de interdependência não anula a incompatibilidade de seus paroxismos. No entanto, se esse antagonismo é claro, no que se refere à relação inteligência-emoção, não obtivemos muitas informações sobre as relações inteligência-sentimento e inteligência-paixão. Como essas manifestações afetivas são de natureza representacional, diferentemente da emoção; se são de natureza representacional, não apresentam incompatibilidade com a inteligência (ALMEIDA, 2008).

Por conta disso, ao se construir a função simbólica da inteligência, o ser é capaz de transportar suas emoções para sua verbalização escrita e oral, de forma com que possa modificar sua entonação de voz para expressão das emoções e afetividades, já que anteriormente, a expressão das emoções resumiam-se puramente a situação emocional (TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 2019).

Ainda, em um momento posterior, durante a puberdade, que nas relações surgem as necessidades racionais frente às relações afetivas, onde existem exigências perante o modo de tratamento, justiça, igualdade, etc. A nova configuração quanto a organização da afetividade, modo que é concebida e percebida, por exemplo, o tratamento recebido pelos pais, pode ser entendido com aversão (TAILLE, OLIVEIRA & DANTAS, 2019).

Portanto, Wallon define que as interações entre o indivíduo e o meio em que está inserido promovem transformações mútuas que perpetuam a evolução social. Segundo Bastos (2010), “as interações são fundamentais tanto para a construção do sujeito como do conhecimento, e ocorrem ao longo do desenvolvimento de acordo com as condições orgânicas, motoras, afetivas, intelectuais e socioculturais” e como resultado destas interações o indivíduo estabelece suas relações com o meio e constitui uma personalidade, de forma com que a construção do ser permite também a construção do conhecimento.

Segundo Bastos (2010) a técnica de grupos operativos foi postulada por um psiquiatra chamado Pichon-Rivière na Argentina, que, por conta da instauração de uma greve por parte da



equipe de enfermeiras de um hospital, organizou os pacientes menos comprometidos intelectualmente para auxiliar os pacientes mais comprometidos. Como resultado, o médico pode observar uma maior interação e identificação entre os pacientes causando uma maior integração no meio. Assim sendo, o intuito dos grupos operativos é de estabelecer relações e proporcionar a aprendizagem em grupo:

A técnica do grupo operativo pressupõe a tarefa explícita (aprendizagem, diagnóstico ou tratamento), a tarefa implícita (o modo como cada integrante vivencia o grupo) e o enquadre que são os elementos fixos (o tempo, a duração, a frequência, a função do coordenador e do observador [...]) (BASTOS, 2010).

Wallon (1979 *apud* Bastos, 2010) atribui um grau de importância aos grupos no que tange a contribuição para o desenvolvimento do sujeito, pois, para a criança a inserção em um grupo caracteriza sua identificação com os integrantes, os interesses do grupo individualmente e estabelecer suas diferenças perante os demais, assumindo seu espaço no grupo. Além disso, nos grupos operativos o processo de desenvolvimento humano é influenciado pelas relações sociais e emocionais, e a compreensão dessas dinâmicas pode promover o crescimento pessoal e interpessoal. Nesta abordagem enfatiza-se a importância da interação social e do trabalho em grupo como ferramentas para o desenvolvimento pessoal e o bem-estar emocional. Para Pichon-Rivière, os grupos possuem o papel de instrumento transformador da realidade, onde os componentes partilham de um ideal em comum e a partir de uma visão crítica passam a visualizar como interagem e criam vínculos a partir disso (BASTOS, 2010).

No que tange à metodologia do grupo operativo, tem-se a necessidade de um mediador que possui a função de problematizar e encaminhar o grupo para a resolução de um problema em comum. Partindo deste princípio, pode-se dizer que os grupos operativos adotam uma postura terapêutica quando contam com uma escuta ativa, interativa e a troca de experiências. Desta forma, surgem papéis dentro do grupo operativo que são fixos como o coordenador e o observador, que possuem a tarefa de mediação e anotação, e alguns outros papéis como o porta voz, o bode-expiatório e o líder de mudança. O primeiro trata daquele que explicita aquilo que está implícito e contribui para a tarefa. O bode-expiatório é aquele que surge quando explicita algo que não é aceito. Já o líder de mudança é aquele que contribui para o movimento dialético do grupo (BASTOS, 2010).



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**14-15-16
MAIO - 2024**



Culturalmente pensando, a educação formal está desvirtuada da perspectiva grupal, mesmo que as turmas contenham uma média de 25 alunos, os métodos de ensino são pensados para a massa, porém, vislumbra a busca por resultados individuais. Desta forma, a aplicação dos grupos operativos auxilia o pensamento colaborativo com um objetivo em comum: a busca pelo conhecimento. Dessa maneira, a educação pode ser compreendida como uma produção social e não algo a ser individualizado (SILVA & CESARIO, 2018).

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada para o artigo foi o relato de experiência, o qual foi realizado por meio das vivências no Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG), na Clínica de Psicologia da FAG. Os encontros ocorreram semanalmente, durante todo o segundo semestre letivo, entre os meses de agosto a novembro de 2023.

Segundo Oliveira *et al.* (2019), a metodologia de relato de experiência é amplamente utilizada em diversos campos da ciência para descrever e compartilhar os resultados de experiências práticas e observações. Mussi (2021) considera que o relato de experiência trata-se de uma expressão escrita das vivências, capaz de contribuir para a construção de conhecimentos em diversas áreas, torna-se evidente a importância da reflexão sobre o saber.

O conhecimento humano está intrinsecamente ligado tanto ao conhecimento formal adquirido por meio da educação quanto às aprendizagens oriundas das interações socioculturais. A sua documentação por escrito oferece uma oportunidade relevante para a sociedade explorar e compreender questões sobre uma variedade de temas, especialmente no ambiente virtual, dada a natureza informatizada do contexto contemporâneo (MUSSI, 2021).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

O projeto Psicoafetividade foi desenvolvido na Clínica de Psicologia do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG. Este projeto concentra-se em conduzir grupos operativos com crianças que estão em fila de espera do Sistema Único de Saúde (SUS), com queixas específicas, mas



ainda sem diagnóstico, tendo como principal objetivo contribuir com o desenvolvimento motor, afetivo e psicológico das crianças.

De forma geral, os grupos operativos são constituídos de pessoas reunidas com um objetivo comum, chamado de “grupo centrado na tarefa, que tem por finalidade aprender a pensar em termos de resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal”, possuindo diversas aplicações práticas.

Inicialmente, para identificar as demandas, foi realizada uma reunião orientativa com as professoras responsáveis pelo projeto Psicoafetividade. Posteriormente, por intermédio das triagens realizadas com os pais ou responsáveis, foram recebidas as primeiras demandas, que incluíam relatos de dificuldades nos relacionamentos com outras crianças, ansiedade e impulsividade. A cada encontro com as crianças, novas demandas surgiam, as quais eram discutidas e abordadas em cada sessão de orientação.

Durante os encontros, foram abordados assuntos tais como emoções, afetividade e aprendizagem significativa. Estes conceitos oferecem uma exploração das dinâmicas interativas e a construção de significados, podendo desempenhar um papel central na nossa compreensão do mundo, proporcionando conhecimento duradouro por meio das práticas realizadas com os grupos.

Assim sendo, no decorrer da prática de estágio, foram elaborados planos de ação para lidar com demandas relacionadas à aprendizagem, déficit de atenção, hiperatividade e questões emocionais, com o intuito de auxiliar e contribuir para o desenvolvimento de crianças que ainda não possuem um diagnóstico estabelecido.

Durante o período de acompanhamento, foram realizadas diversas atividades para promover o desenvolvimento emocional e social das crianças. Isso incluiu dinâmicas de grupo, discussões sobre emoções e sentimentos, reflexões sobre coragem e confiança, exploração da dinâmica familiar e interações com a comunidade. A Figura 1 demonstra a interação entre um dos participantes do grupo e a estagiária em uma atividade que envolvia a construção de regras e acordos.

Figura 1 - Vivência prática



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2024).

Uma outra atividade realizada foi baseada em um livro de literatura infantil intitulado “O monstro das cores” da autora Ana Llenas. Como recursos para se trabalhar com a obra, foram confeccionados bonecos em feltro, sendo que cada um deles representava uma emoção, como pode ser observado por meio da Figura 2.

Figura 2 - Atividade com o livro “O monstro das cores”



Fonte: Acervo pessoal das autoras (2024).

Na história de Ana Llenas, o protagonista é um monstro que não sabe lidar com seus sentimentos, pois os tem misturados e confusos. Com a ajuda de uma amiga, ele aprende a identificar e categorizar suas emoções, associando cada uma delas a uma cor específica. É uma história delicada e educativa, a qual foi utilizada como ferramenta estratégica para auxiliar as crianças no entendimento



e na expressão das suas próprias emoções. Um fragmento da obra, exemplifica bem o modo com que as emoções são retratadas e relacionadas.

Quando está alegre, você ri, pula, dança, brinca [...] Quando está triste, você se esconde e quer ficar só... E não tem vontade de fazer nada. [...] Quando está com raiva, você sente que cometeram uma injustiça e quer descarregar a fúria nos outros. [...] Quando tem medo, você se sente pequeno, insignificante... E pensa que não conseguirá conseguir fazer o que te pedem. [...] Quando você está calmo, respira pouco a pouco e profundamente. Você se sente em paz (LLENAS, 2021, p. 1-10).

Folkman e Lazarus (1988) identificaram oito estratégias para lidar com as emoções, incluindo confrontação, distanciamento, autocontrole, busca de apoio, aceitação, fuga-esquiva, resolução planejada dos problemas e reavaliação positiva. Por outro lado, também existem estratégias não adaptativas, como alcoolismo e automutilação, que são utilizadas temporariamente para diminuir a intensidade das emoções e proporcionar um alívio momentâneo.

Especialmente na infância, a emoção desempenha um papel fundamental no desenvolvimento mental, levando a criança a reagir a estímulos tanto internos quanto externos, demonstrando como sua sensibilidade pode se expandir em relação ao ambiente circundante.

Diferentemente das emoções, os sentimentos representam manifestações afetivas que não envolvem reações instantâneas. Eles tendem a ser contidos, impondo controles e obstáculos para diminuir sua intensidade. A expressão dos sentimentos pode ocorrer de diversas maneiras, como por meio de expressões faciais ou verbalização. Adultos geralmente possuem mais recursos para expressar seus sentimentos, pois têm maior capacidade de observação, pensam antes de agir e sabem como e onde expressar seus sentimentos de forma mais adequada.

Bastos (2014) explica que, trabalhar as emoções de forma lúdica com crianças é relevante, pois permite que elas expressem seus sentimentos de maneira mais natural e confortável. O uso de jogos, brincadeiras, histórias e atividades artísticas na clínica de psicologia pode tornar o processo terapêutico mais acessível e atraente para as crianças, facilitando a exploração e compreensão de suas emoções. Além disso, abordar as emoções de forma lúdica pode ajudar a reduzir a resistência ou o medo que algumas crianças podem ter em relação à terapia, criando um ambiente mais acolhedor e receptivo (BASTOS, 2014).

Ao trabalhar com as emoções de forma lúdica, os profissionais de Psicologia contribuem com o processo das crianças, auxiliando-as a identificar e nomear seus sentimentos, bem como desenvolver habilidades de regulação emocional, aumentar a autoestima e a autoconfiança, melhorar



a comunicação interpessoal e fortalecer os vínculos afetivos (HOSOKAWA; WIEZZEL, 2013). Além disso, essas atividades promovem um espaço seguro para que as crianças expressem suas preocupações, medos e angústias, possibilitando um maior conhecimento de mundo e autoconhecimento.

Contudo, é importante ressaltar que o trabalho com as emoções deve ser realizado de forma ética e responsável, respeitando sempre o ritmo e as necessidades individuais de cada criança, sendo que os psicólogos devem estar preparados para lidar com questões emocionais delicadas e oferecer um suporte adequado durante todo o processo terapêutico. Ao proporcionar um ambiente acolhedor, empático e livre de julgamentos, é possível criar condições favoráveis para que as crianças explorem suas emoções, desenvolvam habilidades de enfrentamento e alcancem um maior bem-estar emocional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que, ao longo dos atendimentos em grupo, foram observadas melhorias significativas no bem-estar das crianças, além de uma maior participação e envolvimento dos responsáveis. Apesar dos desafios enfrentados, as práticas resultaram em progressos positivos, proporcionando uma experiência significativa para todos os envolvidos.

Uma das limitações identificadas nos atendimentos diz respeito à desafiadora manutenção de um vínculo consistente com as crianças assistidas. Observou-se que, ao longo dos encontros, o número de participantes nos grupos tendia a diminuir, possivelmente devido a obstáculos relacionados ao acesso à Clínica da FAG, bem como a compromissos pessoais das famílias.

Neste sentido, esta experiência reforça a relevância de investir em práticas que visem o fortalecimento da psicoafetividade nas intervenções psicológicas com crianças, reconhecendo-a como um pilar fundamental para o seu desenvolvimento saudável e para a construção de relações interpessoais positivas. Ao final, este estudo não apenas enriqueceu nosso entendimento teórico, mas também reforçou a importância da prática clínica sensível e empática na promoção do bem-estar emocional das crianças.



**11º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

14-15-16
MAIO - 2024



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter-ação UFG**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008. Disponível em:

BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Revista Informação**, v. 14, n. 14, p. 160-169, 2010. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v14n14/v14n14a10.pdf>. Acesso em 11 maio 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social - **Importância dos vínculos familiares na primeira infância: estudo II** / organização Comitê Beatriz de Oliveira Abuchaim. - 1. ed. - São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2016. Disponível em:
https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/crianca_feliz/Treinamento_Multiplicadores_Coordenadores/WP_Vinculos%20Familiares.pdf Acesso em 10 maio 2024.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Revista Educar**, Curitiba, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 maio 2024.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. Coping as a mediator of emotion. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, n. 3, p. 466-475, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.54.3.466>. Acesso em 10 maio 2024.

LLENAS, A. **O monstro das cores**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2021.

MUSSI, R. F. F. et al. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

SILVA, M. P. F.; CESARIO, P. M. **A elucidação do trabalho colaborativo na ead a partir da técnica de grupos operativos**. São Carlos, 2018. Disponível em:
<https://edutec.ead.ufscar.br/tccs/eed45c20ca8cf9e912fc473355f9e34a.pdf>. Acesso em 11 maio 2024.

TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 28. ed. São Paulo: Summus, 2019. Disponível em:
<https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 maio 2024.